

# Novas vozes da literatura portuguesa para a infância: o caso de Carla Maia de Almeida

Sara Reis da Silva Universidade do Minho sara\_silva@ie.uminho.pt

**Palavras-chave** Carla Maia de Almeida | literatura infantil | álbum narrativo | humor

**Resumo** Este ensaio dá conta da originalidade da escrita de Carla Maia de Almeida, uma das novas autoras da escrita portuguesa para a infância, destacando, na sua obra, a importância do recurso a estratégias como o humor e a aposta na criação de álbuns narrativos que desafiam e testam as competências literárias do leitor infantil.

**Keywords** Carla Maia de Almeida | children's literature | Picture story book | humour

**Abstract** This essay stresses the originality of the writing of Carla Maia de Almeida, one of the new voices in Portuguese children's literature, by paying special attention to the use of humour and the importance of her picture story books, which challenge and test the literary competences of young readers.

Na última década, a literatura portuguesa para a infância e a juventude foi alvo de um interesse crescente e de um reconhecido impulso editorial. Motivado, por exemplo, pelo trabalho de uma nova geração de ilustradores e substantivado até no aparecimento de algumas editoras com projetos especificamente centrados nos leitores mais jovens, este universo parece ainda carecer de uma aposta em (ou de um interesse por?) escritores que, apesar de ainda desconhecidos/pouco conhecidos ou com um número reduzido de títulos editados, apresentem uma escrita original e pessoal, alimentada por um recurso inteligente/inovador à língua portuguesa e aos seus possíveis mecanismos estético-literários, pela recriação ficcional de tópicos novos e adequados ao seu potencial destinatário, bem como pela atenção a géneros emergentes, em especial, no caso do nosso país, ao álbum narrativo para primeiros leitores ou à narrativa visual. Com efeito, quanto a nós, importa acrescentar outros nomes aos de Isabel Minhós Martins, João Paulo Cotrim, Pedro Teixeira Neves, David Machado, João Manuel Ribeiro, Rita Taborda Duarte, Rita Basílio ou ao da autora cuja obra analisaremos neste breve ensaio, Carla Maia de Almeida, por exemplo, um grupo de novos escritores cuja produção literária tem vindo a despertar e a ganhar leitores.

Carla Maia de Almeida nasceu em Matosinhos, em 1969. Na primeira infância, viveu em Braga, um dos locais biográficos que, juntamente com a aldeia de Moreira (Monção) e a sua terra natal, considera um dos espaços mais significativos da sua vida. Atualmente, vive e trabalha em Lisboa. É jornalista *freelancer*, colaborando em publicações periódicas



como as revistas *Ler* (na qual é a responsável pela secção de crítica e divulgação de livros para crianças) ou a *Notícias Magazine*. Licenciada e pós-graduada em Comunicação Social pela Universidade Nova de Lisboa, tem uma Pós-Graduação em Livro Infantil pela Universidade Católica Portuguesa. Durante o mês de outubro, o centro de atividades artísticas Can Serrats, próximo de Barcelona, vai acolher a autora que, além de ser a primeira escritora de livros para a infância a usufruir de uma residência no estrangeiro com a chancela da DGLB, é também a primeira presença portuguesa naquela residência internacional.

Uma rápida visita ao seu blogue, significativamente intitulado “Jardim Assombrado”, permite concluir acerca da sua atenção e do seu gosto pela literatura e, em particular, pela que é preferencialmente dirigida aos leitores mais novos. A sugestão de outros blogues (“Blogues ao sol”) centrados na temática(s) enunciada(s) “A Inocência Recompensada”, “Alcameh”, “Bruaá”, “La double vie de Veronique”, “Letra Pequena”, “O Bicho dos Livros”, “O Livro Infantil”, “Papel de Lustro”, “Planeta Tangerina” e “Queridas Bibliotecas”, apenas para citar alguns exemplos, representa, igualmente, um sinal do interesse pelo domínio referido. Acresce, ainda, o facto de a reflexão metaliterária ou metatextual, motivada por questões como a escrita, os escritores, os livros e a leitura, os clássicos e os contemporâneos, o maravilhoso, a biobibliografia de alguns autores de referência ou a ilustração ocuparem um espaço considerável no blogue da autora em apreço.

Em 2005, com a chancela da Editorial Caminho, Carla Maia de Almeida publicou o seu primeiro livro com potencial destinatário extratextual infantojuvenil. Intitulado *O Gato e a Rainha Só*, este texto foi escrito, como esclarece uma breve nota paratextual no final do livro, «em Portugal – Bons Dias, Lagoa de Santo André, Alfeizerão, Moreira (Monção), Leça da Palmeira – e a Nova Zelândia» e conta com ilustrações de Júlio Vanzeler. Trata-se de uma narrativa relativamente extensa, estruturada em onze capítulos, que parte de uma situação trágica: um incêndio numa casa abandonada que era o lar de um gato chamado Radar. Ao longo do relato, o retrato, em particular, ao nível das emoções desta personagem, após o incêndio e durante a viagem solitária em busca da felicidade, que lhe permite descobrir alguma coisa do mundo, de si próprio e dos outros, são tratadas com pormenor e a partir de uma perspectiva humanizadora por um narrador onisciente. Outra importante personagem (como, aliás, faz antever o título) é a Rainha, figura parcialmente tipificada com a qual o protagonista acaba por se relacionar de forma próxima, como refletem os vários diálogos celebrados entre estes.

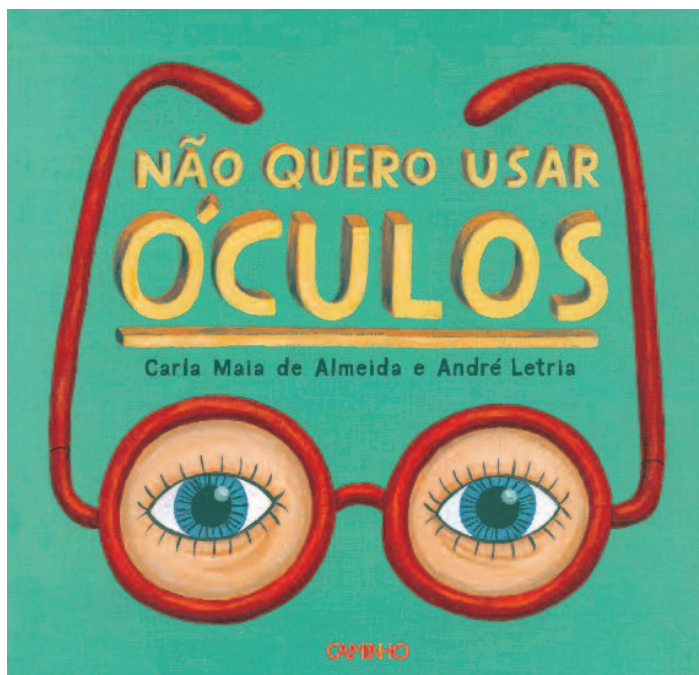
Genericamente, o discurso distingue-se pelo atraente sensorialismo e por um uso expressivo da comparação e do paradoxo, por exemplo – «que cheiro era aquele, doce e violento ao mesmo tempo, como uma estrela a derreter-se no céu da boca que anuncia a manhã» (Almeida, 2005: 12). Além disso, em certas passagens, observa-se uma construção absurda ou *nonsensical* que prende a atenção do leitor, como, por exemplo, a presença de um homem que flutuava no ar, na «Terra do Riso Eterno».

A componente maravilhosa é também muito significativa, surgindo, por vezes, recriada nas próprias



ilustrações. Estas, extensas, com um forte impacto e apostando num interessante jogo de perspectivas e de luz, colocam especial ênfase na representação das figuras centrais da ação, convidando o leitor a partilhar do posicionamento e do tipo de observação concedida a cada uma delas. Note-se, por exemplo, o sentido de imagens dominadas por personagens colocadas de costas. Significativa é, igualmente, a tendência para a pormenorização de cenários e de indumentárias, um aspeto que resulta, por vezes, num registo visual com traços de aparência barroca.

Em parceria com André Letria, Carla Maia de Almeida edita, em 2008, *Não quero usar óculos* (Editorial Caminho), apostando na escrita breve e explorando criativamente as potencialidades gráficas e semânticas do álbum narrativo para as primeiras idades. Partindo de uma ideia muito simples – a recusa infantil em usar óculos –, esta obra constitui um «diálogo inteligente entre texto e imagem», como considera Ana Margarida Ramos, na sinopse divulgada no site do projeto Gulbenkian/Casa da Leitura. Na verdade, tanto o título como a ilustração da capa fazem prever o motivo desencadeador



do discurso, sempre na primeira pessoa, ou o elemento dominante da narrativa: uma criança, como tantas outras, recusa-se a usar uns óculos vulgares. Com a sua forte e bem humorada componente pictórica, este texto coloca em primeiro plano um menino-narrador cuja capacidade imaginativa “alivia” o “sofrimento” de ter de usar óculos. Tornar-se guarda-redes ou pirata, por exemplo, combater a solidão, sonhar de dia e de noite ou ver tudo ao contrário são alguns dos desejos expressos pelo narrador e esta diversidade de possibilidades de ver repercutem-se, visualmente, nos vários formatos de óculos (re)inventados por André Letria. Desta eficaz articulação verbo-icónica resulta um jogo muito estimulante, celebrado, não raras vezes, sob o signo do humor. Veja-se, por exemplo, o facto de, logo na abertura da narrativa e na primeira sequência pictórica, o protagonista surgir ironicamente representado a ler um livro intitulado «O Mundo Fantástico das Toupeiras». A esta vertente humorística acrescenta-se, também do ponto de vista discursivo, a simplicidade e a brevidade, bem como a intencional proximidade com o potencial recetor da narrativa, como atesta o segmento conclusivo da obra:

«Os meus óculos novos já chegaram.

Não são nada parecidos com o que eu tinha imaginado.

Não faz mal, sabes porquê?

Porque com eles consigo ver melhor todas as coisas de que falei.

E ao vê-las tão perto, também me sinto mais perto delas.



Como podia eu olhar assim para ti, se não fossem os meus óculos especiais?» (Almeida, 2008)

Em suma, e recorrendo, uma vez mais, às palavras de Ana Margarida Ramos, na sinopse do referido site do projeto Gulbenkian/Casa da Leitura, «O texto, muito rico em termos de propostas de leitura, também parece redimensionar a realidade, propondo alternativas onde humor e poesia se confundem.».

Também o terceiro título de Carla Maia de Almeida (Editorial Caminho, 2009), um livro igualmente nascido do diálogo criativo com um ilustrador, desta vez, Alex Gozblau, é pontuado pelo humor e pela poesia.

Uma vez mais, introduzido por um título em enunciação direta (discurso direto), agora em forma interrogativa, e com um emissor supostamente infantil, *Ainda falta muito?* é um conto em forma(to) de álbum muito estimulante, que possibilita níveis de leitura muito diferenciados. Aliás, o título, revestindo-se de elevado valor semântico-pragmático, ressurgiu estrategicamente ao longo da narrativa, funcionando quase como um refrão. Colocado na voz do irmão mais novo de uma família que constitui o grupo de personagens da narrativa, este acaba, em certa medida, por anunciar não só a relevância da presença infantil, mas também o motivo da viagem. Na verdade, a ação principal, coincidente precisamente com uma viagem de automóvel, tem como local de partida a cidade e destino o campo e é esta que proporciona o desfiar de uma

série de memórias de outras viagens, das passagens pelo campo ou pela aldeia, das vivências com a avó, entre outras. A ação decorre, assim, durante o tempo da viagem, entre a partida e a chegada, entre a ansiedade por alcançar o destino desejado e a questão surpreendente – marcada pela ironia e/ou pelo humor – formulada pelo filho mais pequeno: «Quando é que vamos para casa?» (Almeida, 2009).

No relato, cruzam-se três vozes: o da filha/irmã mais velha, narradora autodiegética, a do filho/irmão mais novo, que, impacientemente, vai perguntando «Ainda falta muito?», e a dos pais, que alternadamente tentam acalmar a ansiedade e a curiosidade do filho mais pequeno. No caso das intervenções da filha mais velha, construídas a partir de rápidas analepses, destaca-se o seu poder evocativo (“Lembro-me”...), sustentado, no essencial, pelo sensorialismo (visual, olfativo e, por vezes, até, sinestésico) e pela metáfora – veja-se, por exemplo, «Não tão depressa como o sol, que gira sempre ao meu lado, girassol muito apressado. O vento é quente e doce, cheira a urzes e estevas. E aos meus cereais com mel» (*idem, ibidem*). No que diz respeito às respostas dos pais, além da poeticidade de certos segmentos e de uma estruturação baseada na reiteração e num esquema de “retoma” parcial, que imprime ao texto uma cadência especial, o uso dicotómico de vocábulos pertencentes aos campos semânticos da cidade e do campo (neste caso, mais predominantes) possibilita a idealização destes dois cenários e de certas vivências típicas de cada um deles. Observe-se, por exemplo, a presença de binómios como prédios/«casas pequenas» ou semáforos/árvores. Do ponto de vista temático, e atendendo aos segmentos finais do texto, salienta-se, ainda, o tópico da mudança: «A aldeia da Avó está diferente. Há mais carros a passar, algumas casas cresceram e as ruas têm mais gente. Se calhar, é assim mesmo. Tudo muda, como eu mudei, naturalmente.» (*idem, ibidem*).

Esta recriação espacial, promovida pelo discurso de Carla Maia de Almeida, encontra expressão na própria configuração icónica da publicação. Volume graficamente muito cuidado, as ilustrações de Alex Gozblau estendem-se às guardas que, “lidas” sequencialmente, sugerem a deslocação física ou o dinamismo e apresentam as suas protagonistas, ideias também implícitas quer na capa quer na contracapa do livro. Além disso, a vertente pictórica, composta a partir de uma técnica admirável, destaca-se pela expressividade, decorrente, por exemplo, da pormenorização e da recriação das expressões faciais e das emoções das personagens, pela eficácia comunicativa e pelas potencialidades expansivas do texto linguístico.

Globalmente, tópicos como a viagem, tratada quer numa perspetiva mais psicológica ou afetiva, e, portanto, enquanto procura e estruturação pessoal e interior, bem como a descoberta do Outro (como em *O Gato e a Rainha Só*), quer encarada como deslocação física e alcance de outros lugares (como em *Ainda falta muito?*), a par da infância, da família, da casa ou do binómio cidade/campo, por exemplo, cruzam as narrativas de Carla Maia de Almeida. Outro elemento alicerçante da sua escrita, cremos, é o humor, surgindo o cómico nos seus três tipos, especialmente nas duas últimas obras publicadas. Os três situados no modo narrativo, os livros que, até à data (abril de 2010), Carla Maia de Almeida dirigiu aos mais jovens refletem uma atenção especial a aspetos como o recurso a um uso lúdico da língua e/ou ao humor e a uma articulação equilibrada e semanticamente fértil do texto verbal com a componente visual. A originalidade e a fluência do discurso da autora, a par da forma como ficcionaliza temáticas comuns no imaginário e no quotidiano infantil contribuem para a afirmação da sua obra – ainda em crescimento – na atual literatura portuguesa para crianças. Relidos *O Gato e a Rainha Só*, *Não Quero Usar Óculos* e *Ainda Falta Muito?*, facilmente se percebe as razões pelas quais Carla Maia de Almeida deixa registado, no seu blogue, no *post* «Porque escrevo» (10 de outubro de 2008) a seguinte afirmação: «Escrevo para recuperar a minha infância.».

### Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Carla Maia (2005). *O Gato e a Rainha Só*. Lisboa: Caminho (ilustrações de Júlio Vanzeler)
- ALMEIDA, Carla Maia e LETRIA, André (2008). *Não quero usar óculos*. Lisboa: Caminho.
- ALMEIDA, Carla Maia e GOZBLAU, Alex (2009). *Ainda falta muito?*. Lisboa: Caminho.
- RAMOS, Ana Margarida e SILVA, Sara Reis da (2006). «Aqui há gato! – representações felinas na literatura portuguesa de receção infantil» in *Letras – Revista da Universidade de Aveiro*, 23, pp. 105-205.
- RAMOS, Ana Margarida (s.d.). «*Não quero usar óculos*» – sinopse disponível em
- RAMOS, Ana Margarida (s.d.). «*Ainda falta muito?*» – sinopse disponível em
- RAMOS, Ana Margarida (2010). «*Ainda Falta Muito?*» (recensão) in *Malasartes*, n.º 19 (II série), maio de 2010, p. 68.